



UM PERCURSO INTERPRETATIVO POSSÍVEL N'A VIOLETA: POSSIBILIDADES COM CARLO GINZBURG

Dálete C S Heitor de Albuquerque (IFMT/ PPGE/UFMT) – dalete.albuquerque@cba.ifmt.edu.br

Elizabeth Figueiredo de Sá (PPGE/UFMT) – elizabethfsa1@gmail.com

GT 13: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Resumo:

Este texto apresenta possibilidades de uso de alguns conceitos de Carlo Ginzburg em projetos de pesquisa, do campo da História da Educação, com objetos que orbitem nas temáticas de imprensa feminina, história das mulheres, educação e formação de leitoras. O historiador nasceu em Turim, filho de intelectuais e foi professor em universidades na Itália e nos Estados Unidos. Esta reflexão de cunho bibliográfico tenta dar conta de um possível diálogo com base no autor, para pesquisa de doutoramento em educação e irá se pautar em alguns conceitos que ele apresenta nos livros “O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício”; “Mito, emblemas, sinais: morfologia e História”; e “Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância”. Neles, o autor apresenta uma proposta metodológica pautada nos procedimentos do Paradigma Indiciário, discute o conceito de Representações e, também, coloca no patamar de fonte o uso de textos literários para dar suporte às representações de períodos passados e grupos sociais.

Palavras-chave: Carlo Ginzburg. Análise documental. História da Educação. Imprensa Periódica.

1 Introdução

As considerações trazidas aqui nasceram das leituras e discussões propostas no Grupo de Pesquisa História da Educação e Memória (GEM), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Ao longo do primeiro semestre de 2020 o grupo se dedicou à leitura de textos basilares do pensamento ginzburguiano, com o objetivo de dar suporte aos diferentes objetos de pesquisa de seus membros. Nesse sentido, impus-me aqui um exercício de reflexão e, para isso, trouxe meu objeto de pesquisa e a pergunta que norteia minha investigação maior, no intuito de estabelecer um diálogo com Ginzburg e alguns conceitos teóricos que me atraíram nas leituras dos livros “Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história”, “Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância”, “Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa” e “O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício”. Tudo isso pensando uma operação historiográfica possível para a construção de minha tese de doutoramento.

No exercício dediquei-me a percorrer o caminho inicial do delinear do objeto, do pensar na organização das fontes que me auxiliariam nos possíveis usos da obra do

historiador italiano, com a finalidade de dar suporte ao estudo de representações de formação para a mulher cuiabana, a partir de textos publicados na revista mato-grossense *A Violeta*, que me proponho a fazer. Ter como fonte uma revista feminina é pensá-la como um fenômeno educacional não inserida em uma instituição escolar, restrita a um espaço formal e sem deixar de reconhecer o papel fundamental que como instituição cumpre a escola. É possível contribuir, então, com a História da Educação, a partir do projeto de formação que a revista *A Violeta* se configura e por demonstrar como esse campo transcende as fronteiras escolares e pode ampliar seu olhar por uma formação feminina através de diversos objetos e utilizando diferentes fontes.

Pesquisar a revista *A Violeta* traz a oportunidade de dar mais visibilidade à produção literária cuiabana, como também tenta recuperar os modos como as mulheres que escreviam para ela se inseriam e propiciavam uma vida cultural a suas leitoras. Além disso, é possível compreender como suas autoras, as colunistas pensavam uma formação, o que intencionavam como educação para suas leitoras no período em que a revista circulou, a partir das notícias, crônicas, dos textos literários, informes e anúncios publicitários que ali eram veiculados. Diante disso e na percepção de que as representações presentes no impresso não são estáticas e possivelmente a revista é um campo de lutas, de lutas de representações, pergunto: Quais representações de educação da mulher cuiabana estão presentes na revista *A Violeta*, no período em que circulou?

Para responder a essa questão busco o suporte teórico de Carlo Ginzburg, na compreensão de que ele pode auxiliar no estabelecimento de uma interlocução entre o campo da História da Educação e uma produção historiográfica matogrossense, por meio dos conceitos de “paradigma indiciário”, de “representação”, além de evidenciar a importância, em seus escritos, da adoção de uma multiplicidade documental e o uso de textos literários para dar respaldo às representações de períodos, de tempos passados.

2 A Violeta: contextualizando a fonte

A revista *A Violeta* foi uma revista cuiabana que entrou em circulação no final do ano de 1916. Ela foi a principal produção do Grêmio Literário “Júlia Lopes de Almeida” que, na noite do dia 24 de dezembro de 1916 n, no suntuoso Palácio da Instrução, instalava seus trabalhos. “[...] A alegria era geral, e, sem modéstia confessamo-nos sinceramente contentes com a nossa estréia, tanto mais que encontramos apoio de todos, aos quaes nos dirigimos” (*A Violeta*, nº 1, p. 1).

O Brasil ainda estava sob ecos da *Belle Époque*, um estilo cultural que se estabelecia por aqui e ditava moda. Nesse período visualizavam-se as lutas para se ter uma cidade limpa, higiênica, no caminho para a modernidade. O modelo de referência dessa modernidade, de civilização, da intelectualidade, de centro cultural era a Paris, do início do século XX. Essa metrópole europeia apareceria como centro irradiador de tudo o que era moderno para o mundo, pois ela traria toda uma estrutura reformulada por políticas urbanistas e culturais baseadas no que é belo, no que é moderno, no que significava progresso. Paris era, para o Brasil, o centro irradiador de tudo isso e influenciava sobremaneira a cultura nacional.

Assim, iniciam-se os grandes projetos arquitetônicos, com edificações suntuosas que representassem a força de um período, além de projetos urbanísticos que envolveram charmosos passeios, construção de calçadas, criação de largas avenidas, em detrimento de pequenas vielas que ainda estavam nas regiões centrais das grandes metrópoles brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo. Além da implantação de um projeto higienista condenando velhos costumes como cuspir no chão, criação de animais na cidade, manutenção de hortas no espaço urbano e tantos outros que significavam, ainda, o período colonial.

Embora os brasileiros invejassem a civilização e o progresso do Atlântico Norte, eles também os consideravam uma conquista específica da Europa. (...) Por outro lado, aceitava-se com naturalidade a precária adoção de tecnologias, costumes e capitais estrangeiros no Rio de Janeiro, reflexo das realidades neocoloniais. Na verdade, os habitantes das províncias pensavam no Rio como uma cidade magnífica, capaz de conferir prestígio urbano a quem a visitasse. Apenas os brasileiros que conheciam o estrangeiro vislumbravam a enorme distância que separava sua pátria da Civilização. (NEEDELL, 1993, p. 48)

E, no caminhar para a modernização, grandes percalços iriam se desenvolvendo; a proliferação de doenças contagiosas e epidemias como varíola e tuberculose. Ainda, o crescimento populacional oriundo da migração da zona rural para a zona urbana, além da imigração, o fim da escravidão e, com isso, também, a concentração de pessoas sem moradia, sem emprego traziam elementos preocupantes às autoridades, no sentido do estabelecimento da ordem pública e da organização do trabalho. Para enfrentar esses percalços e solucionar todos esses problemas e os das mais diversas fontes, o presidente Rodrigues Alves¹, instituiu um programa de obras, nos mesmos moldes do projeto de

¹ O presidente Rodrigues Alves assumiu a presidência em 15 de novembro de 1902.

reforma parisiense, que abarcava a substituição de ruas estreitas, o desmembramento de bairros operários, além do embelezamento da cidade, cujo modelo está centrado, na vitrine da modernidade, a paisagem parisiense (NEEDELL, p. 51, 1993).

O contexto de circulação da revista *A Violeta* se dá até o ano de 1959. Foi uma revista que passou por períodos históricos distintos e, conseqüentemente, por processos culturais e políticos também e, como objeto histórico, revela importantes representações das diversas épocas pelas quais circulou.

Segundo a pesquisadora Yasmin Nadaf, cuja investigação de mestrado é uma análise e catalogação minuciosa da revista, no início do século XX existiam algumas agremiações em Mato Grosso e elas eram em sua maioria masculinas, no entanto, duas delas eram exceções, sendo o Grupo Feminino de Teatro Amador e o Grêmio Júlia Lopes de Almeida, de onde se originou a revista *A Violeta*. Essa agremiação era formada por um grupo de mulheres letradas, normalistas da Escola Normal de Mato Grosso, “que desejavam a instalação de uma agremiação onde pudessem cultivar as ‘letras femininas patricias’, criada para divulgação de uma revista bimensal” (NADAF, 1993, p. 23). Segundo Nadaf, a revista era mantida pelas contribuições oriundas das sócias contribuintes do Grêmio e essas contribuintes eram bastante heterogêneas em sua composição, heterogeneidade que orbitava em torno de uma elite intelectual privilegiada, pois “[...] formavam um grupo bastante heterogêneo composto de alunas da Escola Normal “Pedro Celestino” de Cuiabá, de professoras e funcionárias públicas, de profissionais liberais, de escritoras, de jornalistas e de musicistas de renomada projeção regional (NADAF, 1993, p.26).

A Violeta tinha como objetivo o “engrandecimento da moral da nossa extremecida terra” (*A VIOLETA*, 25 de dezembro de 1933, p. 3), segundo Arinapi² e o periódico estabelecia essa finalidade por meio de diferentes gêneros textuais, como crônicas, cartas e colunas com conteúdo em que se proporcionavam reflexões voltadas para as relações existentes entre os sujeitos na sociedade em que essas mulheres estavam inseridas, além do papel e do lugar social da mulher.

A revista era voltada para a formação das mulheres mato-grossenses, sua preparação para as tarefas do lar, mesmo as que tinham seu trabalho fora dele. O cuidado com a família, com o lar era muito discutido em suas colunas e Arinapi defendia ali a

² Pseudônimo de Maria Dimpina Lobo Duarte, que foi uma colunista de destaque da revista *A Violeta* e defendia recorrentemente temas como o direito ao voto feminino e a elevação intelectual das mulheres, que as teria por acesso à leitura, proporcionada por meio da educação formal para mulheres.

criação da escola doméstica feminina em suas crônicas e, em consequência, uma educação formal, regular para elas.

Como estabelecimento particular, é impraticável, dispendiosa, mas com o auxílio do governo, não. O difícil é o início, a criação, porque da base depende a solidez do edifício e as bases precisam ser lançadas com preferência e será perdida uma despesa que se fizer com o preparo da própria formação de caráter nacional”. (A VIOLETA, 30 de abril de 1930, p. 1).

Ainda, além de uma breve análise da conjuntura, do alto valor de investimento que tenha que se fazer é possível visualizar tons de ufanismo e a formação de suas leitoras para um caráter nacionalista, atendendo aqui a um requisito básico para a manutenção de sua circulação no período em que ainda estaria por vir, a Era Vargas. Também, as escolas domésticas seriam um espaço de formação que as colonistas muito defenderiam, especialmente pelas possibilidades de ocupação que trariam as suas alunas. No entanto, essas escolas, modelos de outras existentes no país, tinham como finalidade regular e moldar o comportamento feminino.

3 Dialogando com Ginzburg

Início este diálogo trazendo à baila Morelli, Freud e Conan Doyle. Trio de expressiva importância para Ginzburg (1989, p. 143), no ensaio “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. Ele é uma análise de um modelo epistemológico, de um paradigma “que emergiu silenciosamente”, no final do século XIX. Por esse trio que abre esta seção Ginzburg traz as convergências do pensamento desses profissionais, envoltos entre pistas, indícios, sintomas e signos pictóricos.

Morelli discute a autenticidade e autoria de obras de arte. Propõe-se a fazê-lo a partir da análise dos pormenores e não dos elementos muito mais facilmente imitáveis, copiáveis, detalhes que são “menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés [...] traços presentes nos originais, mas não nas cópias”. E o método morelliano é bastante relevante para Ginzburg, pois consiste claramente na procura pela minúcia.

Paralelamente, Ginzburg (1989, p. 146) traz Sherlock Holmes à cena por meio de seu “brilhante trabalho mental”, no conto “A caixa de papelão”, em uma análise das pistas encontradas em um pacote onde se terá a identificação de um corpo pela orelha. O autor afirma a semelhança dos métodos de Morelli e Holmes levantada e demonstrada por Enrico Castelnovo.

Ainda, sobre semelhanças de métodos encontra-se o nome de Freud e seu ensaio “O Moisés de Michelangelo”, em que por meio delas ele compara a teoria psicanalítica ao método morelliano. Há que se pensar que para Morelli cada elemento, cada ponto, cada detalhe de uma pintura vai revelar um traço do artista que o criou e evidenciar traços banais e recorrentes impressos pelos copistas, quando cópias. Ao mesmo tempo que para Freud nos pormenores, nos detalhes ele encontra fundamentos e semelhanças com a psicanálise que “tem por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou despercebidos, dos detritos ou 'refugos' da nossa observação” (GINZBURG, 1989, p. 147).

Freud utiliza-se desse método indiciário para a interpretação de imagens oníricas, para compreensão da natureza dos sonhos, por meio de relatos de seus pacientes. Um elemento interessante da caça que Freud se impõe em seu percurso interpretativo ao operar com outros campos ou conceitos, como a literatura e isso Ginzburg aponta no ensaio como sendo a instância onde o paradigma indiciário está. Entre o conhecimento rígido das ciências naturais e outras formas menos rígidas manifestadas por meio de poesias, para desvendar o inconsciente humano.

Assim, este diálogo com Ginzburg, este exercício de reflexão é essencial para nos inserir no seu método investigativo, no seu modo de buscar, de investigar as fontes de maneira detetivesca, sherloqueana. Seu método interpretativo, que se constitui como um conjunto de procedimentos, se estabelece na pluralidade documental existente para cada pesquisa, com os olhos voltados, também, para os dados considerados secundários, os de menor importância, dados marginais, de maneira a permitir uma reconstituição historiográfica com os diferentes objetos de pesquisa.

É relevante pensar como a imprensa periódica pode revelar períodos e debates silenciosos que interessavam a seu público-alvo, por meio dos indícios, sinais e pistas no percorrer de suas páginas. As revistas femininas, como objetos históricos, são fonte farta de pesquisa, por suas características temporais, por proporcionarem reflexões sócio-histórico-econômicas de cada época ao longo de sua circulação, principalmente, no viés dos estudos culturais dando enfoque a tipologia de fontes onde se debruçam os historiadores culturais. Elas abarcam documentos preciosos para “o estudo do cotidiano das mulheres e as práticas femininas nele envolvidas”, e propiciam contato com “as representações que se fizeram, noutros tempos, sobre as mulheres” (PRIORE, 1997, p.8).

Marialva Barbosa (2010, p. 11) é uma pesquisadora brasileira que trabalha com o indiciário na imprensa e ela coloca a necessidade de levar o leitor a “[...] seguir essas

pistas para reinterpretar os tempos de outrora tentando captar o espírito de outras épocas”. Para isso, então, pensemos como utilizar o indiciarismo a partir do que Ginzburg nos fala. Ora, o cerne desse paradigma é exatamente poder associar diferentes fontes, documentos oficiais, extraoficiais, fontes secundárias, que são caçadas pelo pesquisador intencionalmente para construção das narrativas históricas. Ou seja, é importante se impor reflexões naturais, para conhecer o período, a fonte, como: Qual compreensão é possível do corpus selecionado e como se extrair dados, elementos para se discutir seu objeto? Como perscrutar a fonte e, então por meio dos indícios e vestígios perceber o que se vivenciava no período estudado, por exemplo, que a autoria por trás de um periódico poderia inserir pegadas para que suas leitoras realizassem uma leitura “correta” do conteúdo veiculado. E, para além disso, “escutar” todo o corpo documental que coabita externa e internamente a revista.

Um outro ponto de destaque em Ginzburg é a relação que ele estabelece entre a História e a Literatura e isso transcorre de maneira natural em toda a sua obra, pois para apresentar seus conceitos, pressupostos, procedimentos metodológicos, enfim, sua matriz de pensamento ele o faz por meio de textos literários, também. Especificamente, como modo de construção de representações da realidade, de representações dos tempos, representações de circunstâncias históricas. Campos investigativos distintos, mas que se aproximam no narrar da realidade, no atribuir de sentidos e que se tencionam, especialmente pela distinção de compromisso que cada um tem.

É caro ao historiador da educação os documentos e ao se trabalhar com associação da Literatura é impor-se limites à imaginação em seu ofício de escrita. É sabido que a análise é uma criação do investigador, mas esta pautada nos documentos que o cercam. O fio condutor da narrativa de todo investigador está ligado ao corpo documental que tem acesso. Ginzburg (2001) nos auxilia nesse caminhar quando alude ao ofício do oleiro ao tratar a palavra fictio. Alguém que cria a partir de alguma coisa. Então, o historiador cria a partir dos vestígios deixados incrustados no tempo.

Por esse caminhar, um outro conceito ginzburguiano e que traz referências literárias é o conceito de representação.

“Gepetto, sentindo-se olhado por aqueles dois olhos de madeira, e quase magoado, disse com tom sentido: “grandes olhos de madeira por que olhais para mim? Ninguém respondeu”. Assim, Ginzburg abre o livro Olhos de Madeira e mais uma vez recheado de erudição com suas referências literárias e históricas trata de teorias da história, crítica

de arte e teoria literária. Tudo isso, nos inserindo pelos grandes olhos de madeira de Pinóquio. Sua metáfora, sua representação.

Primeiramente, é importante pontuar que essa palavra, como conceito tem sido uma das mais frequentes nos estudos historiográficos atuais, ou que se propõe a ser, especialmente por pesquisadores que se inserem no campo da História Cultural. Esse uso está normalmente atrelado à nomes como os de Roger Chartier, Carlo Ginzburg e, ainda Serge Moscovici, que articula o conceito de Representações Sociais. Fato é que esses nomes não são os únicos ou marcos possíveis para as discussões utilizando desse conceito. Etimologicamente, a palavra Representação tem sentidos diferentes e pode significar, por exemplo, “tornar presente” ou “apresentar de novo” (GINZBURG, 2001, p. 182).

Ginzburg (2001) abre o ensaio Representação: a palavra, a ideia, a coisa falando da ambiguidade que o termo traz consigo em que é ao mesmo tempo realidade apresentada e, por isso, ausência. Assim como torna visível a realidade representada e, então, sugere presença. O autor ainda fala que uma oscilação entre substituição e evocação mimética já havia sido registrada em 1690, mas Thomas Hobbes, na teoria política, já trazia esse termo em 1651, em seu *Leviatã*. Ora, perceba a dificuldade de se refletir sobre um termo, uma palavra com diferentes significados e aplicações não lineares ao longo da história, em diferentes períodos históricos. O conceito de Literatura que Aristóteles traz em sua *Poética* não é o mesmo para os autores da Semana de Arte Moderna no Brasil e, certamente, não é o mesmo para os pós-modernos, em pleno século XXI. Ou seja, discutir Representações é nos deparar com um conceito polissêmico e com significados móveis. No texto *O mundo como representação*, Chartier afirma, corroborando com o que Ginzburg faz no início de seu *Representação: a palavra, a ideia, a coisa*, que esse termo atesta

duas famílias de sentido aparentemente contraditórias, pois por um lado a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro lado é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de outra pessoa (1991, p. 184).

Então, pelo primeiro significado quando tanto Chartier como Ginzburg falam da utilização de manequins de cera, de madeira ou couro exibidos nos funerais dos soberanos ingleses ou franceses, temos a representação como um dispositivo, um instrumento de um conhecimento em que se vê uma coisa ausente, um objeto ausente por uma imagem capaz

de retratá-la assim como ela é. Em que se substituiu um corpo ausente por um objeto semelhante ou não. No texto de Ginzburg ele menciona a teoria dos dois corpos do rei de Kantorowicz em que se tem o corpo místico e político do rei, assim como o corpo natural efêmero, passageiro e o primeiro perene que representava uma instituição, o poder do Estado.

Ginzburg traz uma bela citação de Hertz³ (1907) em que diz “A morte não constitui o fim da vida do corpo no mundo: não é o fato biológico, mas o ato social – os funerais – que separa os que se vão dos que ficam”. Vemos uma relativização da teoria dos dois corpos do rei e vê-se, também, a representação de um soberano morto, a partir dos manequins na utilização do processo de mumificação para não se expor o abjeto, o corpo putrefato para resguardar esses soberanos defuntos. A representação torna-se presença.

Imagem-presença, imago, o conceito de representação de Ginzburg. Conceito já tão explorado, aplicado por medievalistas e é por onde ele discute, também, numa perspectiva transcultural, por meio de narrativas hagiográficas.

Imagem, significados. Imagem que os evoca. Imagem que nos remete a ideologias, mitos, lembranças, sentidos. Imagens que no contexto político atual, por exemplo, pode-se definir de que lado somos ou estamos. Qual o significado do uso da bandeira do Brasil hoje? Quem pode usá-la? O que pode significar carregá-la no peito? Pensemos, também, no quadro tão conhecido de Eugène Delacroix, A Liberdade guiando o povo, nos traz uma forte representação, ainda que romantizada, de uma das mais importantes revoluções que aconteceram, século XVIII, em que a classe trabalhadora, o povo segue em luta por liberdade, por direitos mínimos de sobrevivência em meio aos massacres das políticas liberais. A representação da Liberdade, uma mulher-deusa, alegoria da liberdade, armada, que não anda sobre a batalha, mas anda com o povo, mistura-se a ele.

E, então, para falar de presença através de um recurso imagético que traz para além de materialização o ser, a coisa. Ginzburg traz a memória, a contemplação da compreensão do conceito por meio do dogma da transubstanciação. Jesus presente com seu corpo e seu sangue na Eucaristia. No rito católico, ao se levantar a hóstia, esse

³ Hertz fez um estudo etnográfico em grupos da Indonésia e, também, com povos indígenas de Madagascar, Austrália Central e da América do Norte. Em seu estudo ele vai tratar de práticas e crenças sobre a morte, a partir das cerimônias e ritos funerários com o objetivo de apresentar a compreensão da morte, do luto, da separação como algo não somente individual, afetivo, emocional, mas de uma ruptura enfrentada enquanto grupo social.

memorial é presença em sua materialidade e quem o faz é o fiel que traz aceitação e atribui sentido a ele.

O fenômeno do duplo corpo real para Ginzburg (2001) surge para trazer ao cristianismo o senso de perpetuidade, de sempiternidade da presença de Cristo, na crença da presença real do corpo, sangue e divindade Dele nessa celebração efetivamente na hóstia. Superpresença, afirma o autor. E como ele diz a partir desse dogma que aposta na realidade profunda e invisível traz a vitória da abstração.

A noção de representação, articulá-la irá estabelecer nossa relação com as palavras, as ideias e as coisas. Abstrair é produzir presença simultaneamente por meio da ausência e esse jogo caracteriza a representação (CHARTIER, 1991, p. 184). Chartier discute o “mundo como representação” e interpreta a história como representação do real e nos mostra uma nova proposição de análise, de entendimento e, ao contrário, não propõe uma polarização entre as noções de real e ficcional, uma dicotomia entre os termos, mas sim emerge uma nova compreensão, um novo sentido para o real. Ele é representação.

A revista A Violeta foi um importante impresso no período em que circulou e, em suas páginas, visualizam-se representações do universo feminino, através de suas seções. Identificar essas representações é entendê-las como parte do universo social em que os sujeitos que nela são retratados estão inseridos, é entender que essas representações, por meio dos códigos de conduta, de comportamento, dos produtos que são incentivados ao consumo traçam identidades e são importantes na compreensão das “práticas partilhadas que atravessam os horizontes sociais” (CHARTIER, 1990, p.134). As revistas femininas são, e nisso A Violeta muito contribuiu, espaços de partilha, espaços de audição por e para suas leitoras no sentido da recepção de modelos que são entendidos como aqueles que se estabelecem como dogmas e são estabelecidos e podem ser apropriados por ela. Assim, compreende-se o conceito de representação quando "o real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não é apenas)" (CHARTIER, 1990, p.63), pois entende-se que as representações se ambientam, se revelam como práticas sociais, enfim, tudo o que faz parte de cada sujeito, o seu conjunto de crenças, suas ações, devoções, subversões, tudo orbita, tudo é representação que se configura como “[...] um repertório de motivos e de comportamentos que são partilhados pelo conjunto da sociedade (o que não significa que sejam pensados ou manejados por todos da mesma maneira)” (CHARTIER, 1990, p.200).

Esta breve reflexão sobre o uso dos conceitos de Ginzburg trouxe a lucidez do entendimento de que o cruzamento de fontes é muito importante para o melhor

entendimento do objeto investigado. Aqui, acredita-se que “a história é conhecimento através de documentos” (VEYNE, 1987, p. 15). Outras fontes podem trazer respostas preciosas à pesquisa nas reconstituições dos cenários históricos que a Imprensa traz consigo.

7 Considerações finais

A História da Educação vem se consolidando como um campo com grande abertura e discussões sobre e para a imprensa periódica e no exercício que me propus a fazer, as reflexões que se impuseram sobre os estudos indiciários, sobre a micro-história e o conceito de representações seguem em busca dos vestígios, sintomas, das pistas na tentativa de uma operação historiográfica, ou ao menos no desvendar de tempos passados, para empreender análises pautadas nas teorias da História.

Foi possível compreender como o indiciarismo pode ser aplicado às pesquisas no campo da História da Educação, com seus diferentes objetos, mas, especialmente, quando trazem consigo fontes situadas na imprensa, fontes que associadas a outras, secundárias, podem revelar mais do que a própria primária, principal e mesmo auxiliar na construção das análises documentais.

Ginzburg em seus textos apresenta um suporte riquíssimo pautado em fontes da Literatura e em documentos diversos que demonstram esse revelar plural e potencial. A articulação de seus conceitos e propostas metodológicas centrados nos dados marginais, na identificação dos sintomas e destacando uma atividade intelectual antiga do homem, que como caçador é aquele que se agacha na lama e sonda, perscruta as pistas da presa (GINZBURG, 1989, p.154).

Referências

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. *Estud. av.* [online]. 1991, vol.5, n.11 [cited 2019-07-03], pp.173-191. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais.** Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Indagações sobre Piero.** São Paulo: Paz e Terra, 1989.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira:** nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha:** quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros:** verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.